

Raio-X das Tiras no Brasil



Prof. Dr. Paulo Ramos
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Resumo: Este artigo tem como objetivo fazer um levantamento nacional das tiras publicadas em jornais brasileiros, estudo até então nunca feito no país. A pesquisa observou a seção de quadrinhos de 94 diários veiculados nas capitais dos 26 estados e no Distrito Federal. A investigação analisou também periódicos que circulam no estado de São Paulo, que apresenta um cenário bastante plural de publicações jornalísticas.

Palavras-chave: Tiras; jornais; internet; regionalização; Brasil

Abstract: The aim of this paper is make a research about strips published in Brazilian newspapers that never had made before. This study researched comics sections from 94 brazilian diaries, that circulates in 26 States and Federal District. The study also analysed newspapers of São Paulo State, that has a huge situation of journalistic publications.

Keywords: Strips; newspapers; internet; regionalization; Brazil

As mídias virtuais trouxeram muitas inovações e, com elas, vários questionamentos também, ainda sem uma resposta muito precisa. Um deles é o destino do jornal frente aos novos suportes de leitura. Além da versão impressa, o contato com o conteúdo pode ser feito também via computador, tablets e celulares. Esses novos recursos tecnológicos têm levado os diários brasileiros a seguir dois caminhos: pluralizar o modo de contato, oferecendo tanto a publicação no formato impresso quanto nos aplicativos digitais; descartar a veiculação impressa e circular o noticiário apenas no circuito virtual.

O segundo caminho, mais radical, já atingiu periódicos tradicionais do país, como o “Jornal do Brasil”. Desde setembro de 2010, o diário carioca abandonou a versão impressa para circular somente na internet. No tocante aos quadrinhos, a mudança confirmou uma decisão tomada nos dias finais de 2008, data em que a publicação optou por encerrar a seção de tiras.

A alegação, na época, foi contenção de gastos (RAMOS, 2009). Com a migração para o meio virtual, o espaço não foi retomado.

A discussão sobre um eventual fim dos jornais impressos, como a sistematizada por Meyer (2007), permanece atual e ainda sujeita aos passos futuros dos meios de comunicação nas novas plataformas. O debate, no entanto, passa também sobre o destino das tiras, que tiveram nos diários impressos seu principal locus de circulação ao longo do século 20. Casos como o do “Jornal do Brasil” reforçam a atualidade do assunto.

Nos Estados Unidos, país onde os quadrinhos se popularizaram industrialmente, as seções de tiras diárias e dominicais são mantidas por muitos diários. Mas há casos de jornais de circulação nacional que optaram por não veicular mais quadrinhos. Um deles é o “The New York Times”. Grupos tradicionais de distribuição de tiras, como a norte-americana

King Features Syndicate, já mantêm suas séries também no site da empresa. A página virtual também indica ainda links para o leitor acompanhar as histórias nos sites oficiais de cada uma das criações (KING FEATURES SYNDICATE, 2015).

A migração das tiras para os meios virtuais talvez seja uma das maiores revoluções proporcionadas pela internet para a área de histórias em quadrinhos. No Brasil, esse comportamento já é bem nítido, como demonstram os estudos de Santos (2010), Nicolau e Magalhães (2013), Nicolau (2013) e Ramos (2012, 2013, 2014). Percebe-se que os sites, blogs e redes sociais passaram a abrigar tiras e a manter uma nova forma de contato mais direta com o leitor – a interação, na qual a pessoa pode comentar o conteúdo, é uma das marcas da internet.

O estudo feito por Nicolau (2013) dá uma boa dimensão da presença das tiras brasileiras na internet. Pesquisa feita por ele entre setembro e outubro de 2011 identificou 104 blogs com produções nacionais. O autor entende que esse número deva ser ainda maior, por conta de páginas não incluídas no recorte da análise. De todo modo, os dados autorizam afirmar que o futuro das tiras no país, qualquer que seja ele, passa necessariamente pelo mundo virtual.

Essa discussão traz um necessário questionamento sobre o papel dos diários impressos no processo de circulação de tiras no Brasil. Os jornais estão reduzindo o espaço dedicado aos quadrinhos? Séries publicadas nos periódicos jornalísticos aparecem também na internet? São perguntas pertinentes, mas que contrastam com uma falta de dados a respeito. Afinal, para entender o papel das tiras e de uma migração para as mídias virtuais, é preciso, antes, mapear o comportamento delas no impresso.

Este artigo procura fornecer dados sobre as séries publicadas nos jornais brasileiros. A proposta é fazer uma espécie de raio-X das tiras impressas no país, algo até então inédito. Com base nos dados, pretende-se construir um cenário de como se comporta essa forma de publicação nos diários jornalísticos. O

estudo terá também o papel de servir de fonte para pesquisas futuras sobre a relação entre os quadrinhos veiculados em papel e nas mídias virtuais.

Cenário nacional

O levantamento foi feito durante o ano de 2014. O estudo englobou os jornais vendidos nas bancas das capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal. O corpus somou 94 diários. Procurou-se também, num segundo momento, observar o comportamento no interior paulista, região do país onde se percebeu uma alta incidência de periódicos jornalísticos. Isso levou à análise de outras 40 publicações.

A coleta dos dados se deu de diferentes formas. Priorizou-se a compra dos jornais ou o acesso a edições virtuais, que disponibilizam o mesmo conteúdo do impresso em plataformas virtuais de leitura. Nos casos em que esse método não foi possível, contou-se com o auxílio de leitores de diferentes partes do país, que se dispuseram a adquirir os diários de suas cidades e a enviar as informações por e-mail, acompanhadas da imagem digitalizada da página de tiras. O contato com essas pessoas foi feito com o auxílio de uma chamada pública, veiculada na rede social Facebook. Não ocorrendo nenhuma dessas formas de acesso, fez-se contato telefônico com os responsáveis pelas publicações restantes.

Inicialmente, serão expostos os dados nacionais. Mas, antes de observarmos o levantamento em si, faz-se necessário um esclarecimento prévio sobre um aspecto da metodologia. Adotou-se como critério a análise de jornais que circulam nas bancas das capitais do país. Para seguir essa premissa, foram incluídas no rol de diários investigados publicações produzidas em outras cidades do estado e comercializadas também nas capitais. São casos como os da “Folha de Londrina”, impressa em Londrina, interior do Paraná, e do “Jornal de Santa Catarina”, publicado na cidade de Blumenau, em Santa Catarina. Ambos chegam às capitais dos dois estados.

Feito o esclarecimento, seguem as informações, sistematizadas na tabela a seguir:

Tabela 1 – Tiras diárias em jornais de capitais brasileiras

Estado e capital	Jornais consultados	Com tiras	Sem tiras	Espaços diários	Tiras / jornal
Acre, Rio Branco	3	0	3	0	0
Alagoas, Maceió	3	0	3	0	0
Amapá, Macapá	3	0	3	0	0
Amazonas, Manaus	4	2	2	4	1
Bahia, Salvador	4	1	3	2	0,5
Ceará, Fortaleza	3	1	2	5	1,7
Distrito Federal, Brasília	4	1	3	1	0,25
Espírito Santo, Vitória	4	3	1	11	2,75
Goiás, Goiânia	2	2	0	6	3
Maranhão, São Luís	4	1	3	3	0,75
Mato Grosso, Cuiabá	2	1	1	3	1,5
MS, Campo Grande	3	1	2	2	0,66
MG, Belo Horizonte	5	4	1	9	1,8
Pará, Belém	3	0	3	0	0
Paraíba, João Pessoa	2	1	1	2	1
Paraná, Curitiba	5	3	2	5	1
Pernambuco, Recife	3	1	2	4	1,33
Piauí, Teresina	3	1	2	1	0,33
RJ, Rio de Janeiro	7	4	3	14	2
Rio Grande Norte, Natal	3	0	3	0	0
RS, Porto Alegre	5	3	2	13	2,6
Rondônia, Porto Velho	2	0	2	0	0
Roraima, Boa Vista	1	0	1	0	0
Sta. Catarina, Florianópolis	3	2	1	7	2,33
São Paulo, São Paulo	7	3	4	13	1,85
Sergipe, Aracaju	3	0	3	0	0
Tocantins, Palmas	3	1	2	1	0,33
Total	94	36	58	108	-

A tabela permite constatar que a maioria dos 94 jornais consultados não publica tiras diariamente. São 58 impressos (61,7%) sem seção de quadrinhos contra 36 (38,3%), que mantêm o espaço todos os dias. Em oito capitais, nenhum dos periódicos jornalísticos traz histórias assim periodicamente. São os casos das cidades de Rio Branco, Maceió, Macapá, Belém, Natal, Porto Velho, Boa Vista e Aracaju.

Se esses dados forem analisados por regiões, percebe-se que há uma nítida desigualdade no processo de circulação de tiras pelo Brasil. A maior parte dos jornais sem seção de quadrinhos está concentrada no Norte e no Nordeste. Em oposição, há uma maior presença nos diários do Sudeste e do Sul.

A região Norte, a mais extensa do país, apresenta tiras em apenas dois estados. Essa forma de histórias em quadrinhos circula nas capitais do Amazonas e do Tocantins e está ausente nas dos demais estados, Acre, Amapá, Pará, Rondônia e Roraima. O Nordeste reúne os outros três estados do país cujos jornais das capitais também não têm espaço para quadrinhos: Alagoas, Rio Grande do Norte e Sergipe. Essa região brasileira possui, ao todo, nove estados.

O Centro-Oeste apresenta um cenário bastante desigual dentro da própria região, composta por três estados mais o Distrito Federal. Este, apesar de abrigar a capital política do país, traz uma só tira, presente em um dos quatro diários analisados. A capital do Mato Grosso do Sul apresenta média baixa de tiras por jornal, 0,66. Nas de Mato Grosso e Goiás, o índice é maior, 1,5 e 3, respectivamente.

As capitais dos estados do Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e do Sul (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina) apresentam índices altos de tiras por jornal. A maior média foi registrada em Vitória, no Espírito Santo, 2,75. A menor, 1, nos diários que circulam em Curitiba, capital paranaense.

Vale mencionar que há alguns periódicos que apresentam tiras somente nas edições de fim de semana, em cadernos destinados aos leitores infantojuvenis e adolescentes. Isso ocorre com os jornais “Super Notícia”, de Belo Horizonte,

“Diário de Pernambuco”, de Recife, “Expresso da Informação”, do Rio de Janeiro, e “Folha de Boa Vista”, que circula na capital de Roraima.

O critério adotado foi a verificação de jornais que publicassem tiras diariamente. De todo modo, se fossem incluídas essas quatro publicações com seção semanal de quadrinhos, o total de periódicos com tiras passaria de 36 para 40 (42,6%) e sem tiras cairia de 58 para 54 (57,4%). Percebe-se que, mesmo assim, prevalece o dado de que a maioria dos jornais do país não traz espaço para quadrinhos.

Merece registro também o fato de a “Folha de S.Paulo” e o “Zero Hora” serem os periódicos das capitais com o maior número de tiras publicadas diariamente. Ambos circulam oito histórias cada um – o jornal gaúcho traz sete narrativas no caderno de cultura e uma no de economia. Se o critério for o volume total de séries e forem incluídas também as que circulam apenas uma vez por semana, o jornal paulista é o que concentra a maior quantidade: oito diárias e treze semanais.

Séries publicadas

O levantamento identificou 108 espaços diários para veiculação de tiras em jornais brasileiros. É preciso esclarecer que esse número não corresponde à quantidade total de séries veiculadas pelos periódicos impressos. O motivo disso é que há publicações que alternam séries diferentes num mesmo espaço. Vê-se essa situação, por exemplo, em “A União”, de João Pessoa, na Paraíba, e em “O Popular”, de Goiânia, em Goiás.

“A União” traz dois espaços diários para veiculação de tiras. Ali, publicavam-se em 2014, de forma alternada, nove séries diferentes: “Kisuki”, de Thaís Gualberto; “Bartolo”, de Cristovam Tadeu; “Rendez-Vous”, de Henrique Magalhães; “Gibiarte”, de Val Fonseca; “Columbia”, de Thiago A. C. Leal; “One Hit Wonders”, de Igor Tadeu; “O Conde”, de Tânia; “Filosofia de Banheiro”, de Samuel de Gois; “Ze Meiota”, de Tônio. Todas foram produzidas por autores da região.

O mesmo sistema de revezamento ocorre em “O Popular”, porém com uma diferença: em vez de dois espaços diários destinados às

tiras, são três. Em 2014, o rodízio ocorreu entre as nacionais “Turma da Mônica”, de Mauricio de Sousa, “Katecca”, de Britvs, “Vida Besta”, de Galvão, e as estrangeiras “Hagar, o Horrível”, de Dik Browne, “Zits”, de Jerry Scott e Jim Borgman.

As duas publicações servem para exemplificar também dois comportamentos percebidos nos jornais brasileiros. O primeiro é a existência de uma regionalização de parte das séries nacionais veiculadas. São histórias que circulam apenas na cidade ou no estado onde os diários jornalísticos são vendidos. Isso fica bem nítido

em “A União”, em que todas as produções são de desenhistas locais. Em “O Popular”, vale menção o caso de “Katecca”.

O país reúne outros trabalhos regionais que poderiam ser citados, como os de: “Radicci”, de Iotti, no Rio Grande do Sul; “Cabeção”, de Lincoln Souza, “Xuxu”, de Bênes, e “Capitão Rapadura”, de Mino, no Ceará, todos veiculados no “Diário do Nordeste”, de Fortaleza; “Marly”, de Milson Henriques, e “Gervásio”, de Gilberto Zappa, ambos de “A Gazeta”, de Vitória, no Espírito Santo.



Figura 1 – “Marly”, de Milson Henriques, série tradicional no Espírito Santo
 Fonte: HENRIQUES, Milson. Marly. A Gazeta. Vitória: 25 maio 2014. p. 10.

A produção regional divide espaço com outras séries brasileiras, de difusão nacional e presentes em mais de um diário, e com histórias vindas do exterior. É esse o segundo comportamento percebido nos jornais do país e que fica muito bem exemplificado em “O Popular”: há na publicação tanto criações daqui (como a “Turma da Mônica”) como de fora (caso

de “Hagar, o Horrível”).

“Hagar”, aliás, é a tira que mais veiculada pelos jornais das capitais brasileiras. O método para se chegar a esse dado foi o de verificar quais séries eram impressas todos os dias na imprensa – histórias que circulavam com intervalo menor foram desconsideradas. O resultado foi sintetizado na tabela 2, que pode ser lida a seguir:

Tabela 2 – Séries diárias mais publicadas em jornais de capitais brasileiras

Série	País	Jornais	%
Hagar, o Horrível	EUA	8	7,4%
Os Invasores	BR	7	6,5%
Recruta Zero	EUA	7	6,5%
Níquel Náusea	BR	4	3,7%
Turma da Mônica	BR	4	3,7%
Armandinho	BR	3	2,8%
Baby Blues	EUA	3	2,8%
Chiclete com Banana	BR	3	2,8%
Calvin e Haroldo	EUA	2	1,9%
Garfield	EUA	2	1,9%
Striptiras	BR	2	1,9%

As séries não elencadas na tabela foram publicadas em somente um jornal. Por isso, não foram registradas. A leitura do quadro permite constatar que as duas histórias mais publicadas são dos Estados Unidos. Além da já mencionada “Hagar, o Horrível” (aparece em oito jornais, 7,4% do total), figura também “Recruta Zero”, de Mort Walker (circular em sete impressos, 6,5%). Aparecem ainda na lista, com mais de uma publicação diária, “Baby Blues”, de Rick Kirkman e Jerry Scott (em três periódicos, 2,8%), “Calvin e Haroldo”, de Bill Watterson, e “Garfield”, de Jim Davis (em dois jornais cada uma delas).

Outra constatação é que todas as séries estrangeiras vêm dos Estados Unidos. Mas, apesar dessa predominância norte-americana, as histórias brasileiras são mais

publicadas que as estrangeiras. Estas ocupam 31 espaços diários de tiras (o que representa 28,7% do total). As nacionais circulam em 77 espaços diários (71,3%). Em outros termos, poderia ser dito que, de cada dez tiras veiculadas diariamente nos jornais, cerca de sete são produzidas no país.

Entre as séries nacionais, a mais publicada nas capitais é “Os Invasores”, de Farini. O motivo dessa alta recorrência é o fato de ela ser impressa no “Metro Jornal”, publicação que circular por sete capitais brasileiras e por três regiões paulistas (Santos, ABC e Campinas). Embora o diário dedique parte das páginas para noticiário regional, a tira integra o conteúdo nacional. Ou seja: a mesma história chega a todos os locais de circulação do diário.



Figura 2 – Tira da série “Os Invasores”, de Farini, publicada no “Metro Jornal”

Fonte: FARINI. Os Invasores. Metro Jornal. São Paulo: 2 mar. 2015. n. 1.190. p. 13. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/Desktop/DOCUMENTOS/LIVROS/PERI%C3%93DICOS/2015/NONA%20ARTE/IMAGENS/20150302_MetroSaoPaulo.pdf Acesso em: 2 mar. 2015.

Outras séries brasileiras bastante publicadas pelo país são “Níquel Náusea”, de Fernando Gonsales (em quatro jornais, 3,7%) “Turma da Mônica”, de Maurício de Sousa (quatro diários, 3,7%), “Armandinho”, de Alexandre Beck (três periódicos, 2,8%), “Chiclete com Banana”, de Angeli (em três, 2,8%), e “Striptiras”, de Laerte (dois jornais, 1,9%). Este veicula ainda outra série, “Piratas do Tietê”, na “Folha de S.Paulo”. Maurício de Sousa também possui outra criação sua: “Chico Bento” aparece em “O Estado do Maranhão”, dividindo a seção de quadrinhos com a “Turma da Mônica” e “Hagar, o Horrível”.

Vale mencionar, por fim, que as 11 séries impressas em mais de um jornal, e sistematizadas na tabela 2, ocupam 41,9% de todos os espaços diários destinados às tiras nos periódicos das capitais. Metade desse montante

é de produções nacionais, 21,4%. O caderno de cultura ainda é o que predomina como local destinado para a seção de quadrinhos na maioria das publicações. E quase todas as séries são tiras cômicas, gênero que predomina nos impressos do país.

Caso paulista

Além das capitais, os estados das regiões Sudeste e Sul possuem cidades importantes, bastante populosas, que abrigam jornais próprios. Poderiam ser mencionados os municípios de Petrópolis, Campos de Goytacazes, Macaé, Nova Iguaçu e Volta Redonda, no Rio de Janeiro. Ou Joinville e Blumenau, em Santa Catarina. Ou ainda Londrina, Maringá, Apucarana e Foz do Iguaçu, no Paraná. Mas o mais superlativo é mesmo o caso paulista, que tem um cenário

de publicações mais amplo do que muitas capitais. É uma situação tão singular que, neste levantamento, merecerá um registro próprio.

O estado de São Paulo é pontuado por várias cidades-satélite, que funcionam como núcleos para municípios próximos. Isso vale tanto para o litoral e o interior quanto para a Grande São Paulo, que abriga o ABC (sigla usada para se referir a Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul) e polos importantes, como Osasco e Guarulhos, esta a segunda cidade paulista mais populosa (a primeira é a capital).

Para o levantamento, foram consideradas as principais cidades nucleares do estado. A pesquisa englobou 16 municípios

e a região do Grande ABC, analisada como um bloco só por ser assim conhecida. Ficaram de fora duas cidades importantes: Guarulhos e Osasco. Pela proximidade com São Paulo, com quem fazem divisa, ambas são abastecidas pelas mesmas publicações que chegam às bancas da capital.

Vale registrar que a “Folha de S. Paulo” e “O Estado de S. Paulo”, impressos na capital, têm circulação em todo o estado. Para este levantamento paulista, no entanto, foram consideradas apenas as publicações regionais. Os critérios de acesso aos jornais foram os mesmos utilizados no estudo nacional. O corpus foi composto por 40 diários. Os resultados foram sistematizados na tabela 3:

Tabela 3 – Tiras diárias em jornais do interior paulista

Cidade / Região	Jornais consultados	Com tiras	Sem tiras	Espaços diários	Tiras / jornal
ABC	3	2	1	4	1,3
Americana	2	2	0	7	3,5
Araçatuba	2	1	1	2	1
Araraquara	3	1	2	3	1
Bauru	2	1	1	1	0,5
Campinas	3	2	1	7	2,3
Franca	2	1	1	3	1,5
Marília	4	0	4	0	0
Piracicaba	3	1	2	6	2
Presidente Prudente	1	1	0	1	1
Ribeirão Preto	3	1	2	3	1
Santos	4	2	2	3	0,75
São Carlos	1	0	1	0	0
São José do Rio Preto	2	1	1	4	2
São José dos Campos	1	0	1	0	0
Sorocaba	3	1	2	3	1
Taubaté	1	1	0	1	1
Total	40	18	22	48	-

Observa-se que, das 17 cidades/regiões pesquisadas, a maior parte dos jornais não publica tiras diariamente. Mas não é uma maioria tão acentuada como no levantamento nacional. São 22 impressos com seção de quadrinhos (55%) contra 18 sem (45%). Outro dado é que somente em três municípios nenhuma das publicações traz as narrativas verbo-visuais: Marília, São Carlos e São José dos Campos.

No tocante às histórias veiculadas,

estas ocupam 48 espaços diários. O número, neste caso, coincide com a quantidade de séries impressas – é que não foram registradas situações de rodízio de séries num mesmo espaço. Desse montante, 34 (70,8%) são nacionais e 14 (29,2%), estrangeiras, todas dos Estados Unidos. A proporção é semelhante ao comportamento apontado nas capitais do país.

Os dados referentes às séries foram reunidos na tabela 4:

Tabela 4 – Séries diárias mais publicadas em jornais paulistas

Série	País	Jornais	%
Grump	BR	5	10,4
Queridos Vizinhos	BR	5	10,4
Turma da Mônica	BR	5	10,4
Caroço do Angu	BR	4	8,3%
Hagar, o Horrível	EUA	4	8,3%
Os Invasores	BR	3	6,3%
Recruta Zero	EUA	3	6,3%
Chico Bento	BR	2	4,2%
O Mago de Id	EUA	2	4,2%
Samanta	BR	2	4,2%

Como foi feito na sistematização nacional, mostrada na tabela 2, as séries não registradas tiveram apenas uma ocorrência. O quadro apresenta as publicadas em pelo menos dois jornais. Somadas, ocupam 35 espaços diários, 72,9% de todas as tiras impressas entre as cidades paulistas investigadas.

Percebe-se uma alta incidência das séries “Grump”, de Orlandeli, “Queridos Vizinhos”, de Lucas Lima (intitulada por um dos jornais de outra forma, “Os Queridinhos”), e “Turma da Mônica”, de Mauricio de Sousa. Cada uma é veiculada por cinco diários diferentes (10,4% cada uma). O criador de Mônica e Cebolinha figura na lista com outra produção sua, “Chico Bento”, impresso em dois periódicos (4,2%).

A difusão da “Turma da Mônica” se justifica, não só no estado de São Paulo

como também no âmbito nacional, pelo fato de estar ancorada em um eficiente sistema de distribuição de conteúdo e também por compor o grupo de personagens brasileiros de história em quadrinhos mais conhecido no país. Um sinal disso é a presença de Mauricio de Sousa na lista dos escritores mais admirados da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2012).

O estudo foi divulgado em 2012 e consultou 5.012 leitores de 315 municípios de todo o país. Mauricio de Sousa aparece na sexta posição, atrás apenas de Monteiro Lobato (1º), Machado de Assis (2º), Paulo Coelho (3º), Jorge Amado (4º) e Carlos Drummond de Andrade (6º).

Os casos de “Grump” e de “Queridos Vizinhos” é reflexo de um comportamento

regional. Os criadores das duas séries, Orlandeli e Lucas Lima, organizaram com outro desenhista, Gilmar, uma empresa de distribuição de conteúdo para jornais (AGÊNCIA DETIRAS, 2015). Chamada

Detiras, ela conseguiu ocupar espaços em cinco publicações do interior paulista. Isso justifica também a presença de “Caroço do Angu”, de Gilmar, em quatro diários (8,3%). E o fato de as três aparecerem juntas nos jornais.



Figura 3 – “Grump”, de Orlandeli, tira publicada no jornal “A Cidade”, de Ribeirão Preto
Fonte: ORLANDELI, Walmir. Grump. A Cidade. Ribeirão Preto: 23 dez. 2013. p. C2.

Também impressa por quatro jornais aparece a norte-americana “Hagar, o Horrível” (8,3%), seguida de “Recruta Zero”, por três (6,3%). A recorrência de ambas reflete o cenário visto nacionalmente nas capitais. Assim como a presença da nacional “Os Invasores” (também em três diários, 6,3%), pela veiculação do “Metro Jornal” na região do ABC e nas cidades de Santos e Campinas.

Finalizam a lista outras duas séries, uma nacional, outra estrangeira. A nacional é “Samanta”, criação de Alpino. A estrangeira é “O Mago de Id”, de Brand Parker e Johnny Hart.

Considerações finais

Meyer (2007) discute se os jornais podem desaparecer, pergunta que intitula obra do autor sobre o tema. Parafraseando o questionamento, poderia se ponderar se as tiras também podem desaparecer, ao menos nos jornais impressos. Embora elas encontrem bastante eco nas mídias virtuais, o que já é um fato, ainda é prematuro afirmar algo a respeito. O que se pode fazer, no entanto, é levantar dados que possibilitem uma análise futura e mais precisa do caso.

Essa é a contribuição que este artigo procurou trazer. Foi feito um levantamento, até então inédito, em jornais que circulam nas capitais dos 26 estados do país e no Distrito Federal. Com base nos dados, pôde-se observar

que essa forma de história em quadrinhos ainda é presente nos diários impressos, embora representem uma minoria. Dos 94 periódicos jornalísticos analisados, 36 deles (38,3%) mantêm uma seção de tiras; 58 (61,7%), não.

Parte dos estados não apresenta sequer uma publicação com quadrinhos em suas capitais. Isso ocorre nas regiões Norte (Acre, Amapá, Pará, Rondônia e Roraima) e Nordeste (Alagoas, Rio Grande do Norte e Sergipe). Por outro lado, percebe-se uma maior concentração de tiras no Sudeste e Sul. Em São Paulo, em particular, cidades do interior e do litoral compõem um cenário amplo de publicações, com situação

Outro dado que pôde ser identificado é que a maior parte das séries publicadas diariamente no país é produzida no Brasil. Nos 108 espaços diários destinados às tiras, 77 delas (71,3%) são nacionais, contra 31 (28,7%) estrangeiras. Todas as histórias de fora vêm dos Estados Unidos. São norte-americanas, inclusive, duas das séries mais veiculadas pelos jornais das capitais: “Hagar, o Horrível”, presente em oito periódicos, e “Recruta Zero”, em sete.

Entre os trabalhos nacionais, destaca-se a série “Os Invasores”, de Farini, veiculada em sete capitais. Isso é consequência de ela integrar o “Metro Jornal”, que é distribuído nessas cidades. “Níquel Náusea”, “Turma da Mônica”, “Armandinho”, “Chiclete com

Banana” e “Striptiras” também tiveram registros em mais de uma publicação.

Parte das histórias brasileiras veiculadas em apenas um jornal apresenta um caráter regional. Não necessariamente uma regionalização de costumes locais representados nas séries, mas no sentido de serem trabalhos de quadrinistas daquelas cidades. Tais histórias se restringem àqueles municípios e a seus respectivos estados. No caso paulista, um caso que merece registro foi a criação da agência Detiras, que distribui tiras para diários do interior do estado.

Um questionamento que pode ser feito é se esse conceito de regionalização se mantém face à internet. Muitas dessas séries locais são reproduzidas em sites, blogs e redes sociais, perdendo, assim, sua abrangência geograficamente restrita e ampliando seu rol de leitores. Configuram-se nessa situação, aparentemente, dois níveis de interlocutores: os regionais, que leem as tiras nos jornais impressos; os virtuais, que têm contato com as histórias na internet e em seus diferentes suportes de acesso.

Outros questionamentos sobre a relação entre impresso e internet podem – e devem – ser feitos. O que se pode afirmar, por ora, é que no ano de 2014 ambos apresentaram tiras, embora seja necessário reiterar que a minoria dos jornais mantém seção de quadrinhos. Como dito no início deste artigo, há a necessidade de dados, até então inexistentes no país, para que esse cenário seja registrado para ser revisitado futuramente. É a contribuição que este estudo procurou trazer.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA Detiras. Disponível em: <http://www.detiras.com.br/> Acesso em: 2 mar. 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf Acesso em: 3 mar. 2015.

KING Features Syndicate. Disponível em: <http://kingfeatures.com/comics/comics-a-z/> Acesso em 30 fev. 2015.

MEYER, Philip. Os jornais podem desaparecer? Como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Contexto, 2007.

NICOLAU, Vítor. Tirinhas & Mídias virtuais: a transformação deste gênero pelos blogs. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

NICOLAU, Vítor; MAGALHÃES, Henrique. As tirinhas e a cultura da convergência: um estudo sobre a adaptação do gênero dos quadrinhos às novas mídias. In: LUIZ, Lucio (org.). Os quadrinhos na era digital: HQtrônicas, webcomics e cultura participativa. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2013. p. 63-79.

RAMOS, Paulo. Jornal do Brasil deixa de publicar tiras cômicas. Blog dos Quadrinhos. 7 jan. 2009. Disponível em: http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/arch2009-01-01_2009-01-31.html#2009-01-07_22_45_42-135059040-25 Acesso em: 30 fev. 2015.

_____. Quadrinhos virtuais. In: Revolução do gibi: a nova cara dos quadrinhos no Brasil. São Paulo: Devir, 2012. p. 467-488.

_____. Tiras cômicas na web. In: LUIZ, Lucio (org.). Os quadrinhos na era digital: HQtrônicas, webcomics e cultura participativa. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2013. p. 81-92.

_____. Pontos de fuga: registros do processo de alargamento do formato das tiras. 9ª arte: revista brasileira de pesquisas sobre histórias em quadrinhos. São Paulo: Observatório de Histórias em Quadrinhos; ECA-USP, 2014. v. 3. n. 1. p. 85-103. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/96/117> Acesso em: 1º mar. 2015.

SANTOS, Rodrigo Otávio dos. Webcomics Malvados: tecnologia e interação nos quadrinhos de André Dahmer. 259 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/179/3/CT_PPGTE_M_Santos%20%20Rodrigo%20Ot%C3%A1vio%20dos_2010.pdf Acesso em: 1º mar. 2015.